

LAZARIN, Denize Helena. **A Representação Cultural de Lolita do Romance de Nabokov**. Santa Maria: UFSM, 2010. 88 p. Dissertação de Mestrado, programa de pós-graduação em Letras. Centro de Artes e Letras, 2010.

LEFEVÈRE, A. **Translation, rewriting & the manipulation of literary fame**. London and New York: Routledge, 1992.

NABOKOV, Vladimir Vladimirovich. **Lolita**. Tradução Sergio Flaksman. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

SANTOS, Kássia Nobre dos. **Quando a fonte vira personagem**: Análise do livro reportagem A Vida que Ninguém Vê da jornalista Eliane Brum. Dissertação de Mestrado, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, 2013. Acesso em 15/12/13.

STAM, Stam. **A Literatura Através do Cinema. Realismo, magia e a arte da adaptação**. Tradução Marie-Anne Kremer e Gláucia Renato Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

## **AVENTURA(S) NA(S) CIDADE(S) EM A HORA DA ESTRELA, DECLARICE LISPECTOR**

Bruno Duarte NASCIMENTO<sup>37</sup>  
Cristina Maria da SILVA  
Universidade Federal do Ceará

**Resumo:** Este texto tem o objetivo de pensar a(s) cidade(s) na contemporaneidade a partir de narrativas literárias. Abordamos a obra *A Hora da Estrela* (1998) de Clarice Lispector. O motivo da escolha diz respeito à narração das aventuras da nordestina *Macabéa*, “numa cidade toda feita contra ela” (LISPECTOR, 1998), acicate profícuo quando se busca captar experiências nas cidades contemporâneas revelando esboços dos espaços, dos lugares e temporalidades. A proposta é traçar uma leitura que acompanha a(s) trajetória(s), “aquela concebida como mobilidade, alteridade, alteração, a que advém com o nascimento, mas que só se constitui no mundo” (KOFES, 2004), de

---

<sup>37</sup> Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará. Este texto é fruto de uma pesquisa de monografia em andamento junto ao Departamento de Ciências Sociais, sob a orientação da Profa. Dra. Cristina Maria da Silva, intitulada: Entre encontros e desencontros: ciências sociais e literatura na compreensão da vida social.

*Macabéa*, mas também da própria escritora transfigurada em *narrador-personagem*, evidenciando as experiências que a atravessam. A partir de reflexões em torno das “caminhadas pela cidade” (CERTEAU, 1994), em narrativas (literárias), vemos o surgir dos cenários citadinos, as suas ruas, seus personagens e as formas de sociabilidades que se realizam no espaço urbano. Contudo, “os passos” moldam esse espaço, tecendo outras significações para os lugares. A cidade-conceito esmaece dando lugar às práticas urbanas que fazem da(s) cidade(s) uma invenção constante.

**Palavras-chave:** Cidades; Narrativas; Trajetórias.

A literatura, ao “dizer a cidade”, condensa a experiência do vivido na expressão de uma sensibilidade feita texto.  
(PESAVENTO, 2002, p. 10)

Desde o final do século XIX e inícios do seguinte, o século XX, as cidades tem se colocado diante de nós como um desafio de reflexão, à medida que se tornam o lugar por excelência “onde as coisas acontecem”. As paisagens citadinas tem sido um interessante foco de estudos para pesquisadores e também fonte inspiradora e não pouco reflexiva de escritores, poetas e pintores. Desse modo, este texto tem como objetivo pensar a(s) cidade(s) na contemporaneidade a partir de narrativas literárias. Abordamos a obra *A Hora da Estrela* (1998) de Clarice Lispector. O motivo da escolha diz respeito à narração das aventuras da nordestina *Macabéa*, “numa cidade toda feita contra ela” (LISPECTOR, 1998, p. 15), acicate profícuo quando se busca captar experiências nas cidades contemporâneas revelando esboços dos espaços, dos lugares e temporalidades.

A proposta é traçar uma leitura que acompanha a(s) trajetória(s), “aquela concebida como mobilidade, alteridade, alteração, a que advém com o nascimento, mas que só se constitui no mundo” (KOFES, 2004, p. 16), de *Macabéa*, mas também da própria escritora transfigurada em *narrador-personagem*, evidenciando as experiências que a atravessam. Nessa perspectiva, convém ressaltar que não é nossa intenção abordar a obra literária traçando uma leitura compreensiva a partir da vida da escritora, para não cairmos na ilusão de que quem escreve está *tal qual* em seus escritos, como se a obra fosse um espelho da vida. Pelo contrário, quando pensamos nos rastros biográficos deixados em narrativas e escrituras literárias, consideramos as “intrincadas teias que envolvem a constituição dos sujeitos e as sinuosidades sociais e históricas que os atravessam.” (SILVA, 2009, p. 30). Assim, os escritos podem ser vistos antes como “espelhos velados”, como na metáfora de Jorge Luís Borges (1987), onde as imagens aparecem às avessas, demudadas.

Ao permearmos a trama clariceana de *A Hora da Estrela* (1998), julgamos imprescindível o aporte biográfico no sentido de iluminar a leitura das trajetórias de Macabéa e também de Rodrigo S.M, o narrador-personagem, que assume um papel de destaque na narrativa. Na dedicatória do livro reeditado em 1998 pela Editora Rocco, lemos: “DEDICATÓRIA DO AUTOR (na verdade Clarice Lispector)” (LISPECTOR, 1998), ou seja, vemos a transfiguração da escritora em autor e, conseqüentemente, em narrador, o que já insinua a bem engendrada estrutura narrativa da obra. Nesse sentido, estabelecemos o diálogo com *Clarice, uma biografia* (2011), de Benjamin Moser. À medida que consideramos necessária a complementaridade, trazemos ao texto excertos de outras obras da escritora, fazendo as devidas referências.

Como recurso metodológico, trabalhamos com a etnografia ficcional. Mas o que seria uma etnografia? Como olhar o ficcional através dela? A etnografia correspondeu por muito tempo a uma descrição dos costumes de povos. Essas descrições de experiências humanas e culturais passaram a considerar a pessoa do antropólogo somente nos séculos XIX e XX, por meio da institucionalização da antropologia enquanto ciência social.

No decorrer da história da antropologia moderna, no século XX, o conceito de “etnografia” tem adquirido vários significados:

Ora será vista como método qualitativo desenvolvido no trabalho de campo, ora estará relacionada à escrita do antropólogo – o texto monográfico propriamente dito – ora, ainda a ênfase recaindo sobre os discursos, as formas diálogos, estabelecidos entre nativos e antropólogos no encontro etnográfico. (ROCHA, 2006, p. 100)

A etnografia está intimamente ligada à descrição e a interpretação da realidade pesquisada pelo antropólogo. Nesse sentido, abordar a ficção por meio da etnografia é revelar as relações humanas e seus sentidos que vão sendo esboçados em narrativas. Do mesmo modo o espaço: em narrativas (literárias), podemos ver o surgir dos cenários citadinos, as suas ruas, seus personagens e as formas de sociabilidades que se realizam neste tipo de espaço urbano. Contudo, “os passos” moldam esse espaço, tecendo outras significações para os lugares (CERTEAU, 1994). A prática etnográfica se faz justamente: “com pessoas”, acompanhando suas trajetórias, seus percursos, suas caminhadas, suas enunciações, evidenciando o traçado dos lugares e as relações que neles se efetuam.

## A vida nas grandes cidades

Quando pensamos a vida moderna nas grandes cidades, encontramos na poesia de Charles Baudelaire (1821 – 1867) as marcas da experiência humana nas grandes metrópoles. Sua poética traz consigo as figurações da vida do homem moderno nas cidades, cuja vida é atravessada pela efemeridade dos encontros, do estranhamento causado pela multidão de transeuntes que caminham e se encontram nas cidades. Por meio de um olhar crítico e sensível, o poeta descreve e analisa a paisagem urbana e o ritmo inquieto da metrópole. Em sua obra *As Flores do Mal* (1985), na sessão intitulada “Quadros Parisienses”, podemos ler:

A uma passante

A rua em torno era um frenético alarido  
Toda de luto, alta e sutil, dor e majestosa,  
Uma mulher passou, com sua mão suntuosa.  
Erguendo e sacudindo a barra do vestido.  
Pernas de Estátua, era-lhe a imagem nobre e fina.  
Qual bizarro basbaque, afoito eu lhe bebia  
No olhar, céu lívido onde aflora a ventania,  
A doçura que envolve e o prazer que assassina.  
Que luz... e a noite após! –Efêmera beldade  
Cujos olhos me fazem nascer outra vez,  
Não mais hei de te ver senão na eternidade?  
Longe daqui! Tarde demais! Nunca talvez!  
Pois de ti já me fui, de mim tu já fugiste,  
Tu que eu teria amado, ó tu que bem o viste!  
(BAUDELAIRE, 1985, p. 345)

Nesse poema Baudelaire questiona o intenso fluxo de pessoas na cidade que o impedem de concretizar o seu encontro com “uma mulher que passou”. Destaca-se ainda, a crítica negativa ao ritmo frenético e efêmero da metrópole que se põe como óbice ao reencontro entre o poeta e sua “efêmera beldade” novamente. Nas palavras de Macêdo, na paisagem urbana figurada na poética de Baudelaire, “a cidade é vista como um lugar do desencontro e do estranhamento: as pessoas se cruzam nas ruas, mas não se olham, não conversam.” (MACEDO, 2013, p. 1609). Do mesmo modo que os artistas lançam seu olhar sensível sobre as cidades, pesquisadores também o fazem, tecendo leituras para compreender as relações humanas, que se realizam nesse espaço social concebido como espaço urbano.

Georg Simmel (1858 -1918), sociólogo alemão, já se preocupava com os problemas mais profundos da vida social moderna. Para ele, a aspiração do indivíduo em resguardar a autonomia de sua existência frente às preeminências coletivas, de caráter histórico e cultural, gera a tensão entre a ordem sociocultural e as práticas de resistências presentes nas ações individuais que atravessa a vida social (SIMMEL, 2005). Com relação às cidades, Simmel aponta-nos que, em oposição à cidade pequena e à vida no campo, onde as relações são pautadas por sentimentos devido a um vínculo mais próximo, nas grandes metrópoles, vê-se a “intensificação da vida nervosa”, propiciada pela técnica da vida que objetiva as relações devido à profusão de estímulos que perpassam o ritmo frenético das grandes cidades. A vida na metrópole nos exige “a cada saída à rua, com a velocidade e as variedades da vida econômica, profissional e social.” (SIMMEL, 2005, p. 578.)Pede-nos que sigamos em seu compasso agitado, ao contrário das cidades menores, onde a cadência é mais lenta e habitual.

O habitante típico da cidade grande para preservar sua vida interior diante das exigências externas que se lhe impõem, reage utilizando como subterfúgio o “entendimento”. Assim, a “atuação do entendimento, reconhecida, portanto como um preservativo da vida subjetiva frente às coações da cidade grande, ramifica-se em e com múltiplos fenômenos singulares.” (SIMMEL, 2005, p. 578). A metrópole sempre foi o lugar privilegiado para a economia monetária. Compreender relação entre a economia monetária e o entendimento nos traz luz para percebermos os sentidos das relações que se esboçam nos espaço urbano das metrópoles. Sobre isso, vejamos:

É-lhes comum a pura objetividade no tratamento de homens e coisas, na qual uma justiça formal frequentemente se junta com uma dureza brutal. O homem pautado puramente pelo entendimento é indiferente frente a tudo que é propriamente individual, pois do individual originam-se relações e reações que não se deixam esgotar com o entendimento lógico – precisamente como no princípio monetário a individualidade não tem lugar. Pois o dinheiro indaga apenas por aquilo que é comum a todos, o valor de troca, que nivela toda a qualidade e peculiaridade à questão do mero “quanto”. Todas as relações de ânimo entre as pessoas fundamentam-se nas suas individualidades, enquanto que as relações de entendimento contam os homens como números, como elementos em si indiferentes, que só possuem um interesse de acordo com suas capacidades consideráveis objetivamente (...). (SIMMEL, 2005, p. 579)

Em *A Hora da Estrela* (1998) encontramos as personagens envoltas em relações sociais cujos sentidos podem ser compreendidos na perspectiva apontada por Simmel. A trajetória de *Macabéa* é cercada por uma experiência social cujo acúmulo de bens (materiais ou simbólicos)

constitui o valor de troca por meio do qual são pautadas as relações humanas. Contudo, vemos que ela “nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável” (LISPECTOR, 1998, p. 29).

Na cidade do Rio de Janeiro, Macabéa encontra-se com Olímpico de Jesus, na “(...) manhã de dia 7, o êxtase inesperado para o seu tamanho pequeno de corpo. A luz aberta e rebrilhante das ruas atravessava a sua opacidade. Maio, mês dos véus de noiva flutuando em branco” (LISPECTOR, 1998, p. 42). Olímpico de Jesus era um operário de uma metalúrgica, embora ele não se chamasse de “operário”, mas sim de “metalúrgico”. Macabéa se sentia satisfeita com a posição social dele. Ela também tinha muito orgulho de ser datilógrafa, mesmo que ganhasse menos que o salário mínimo. “Mas ela e Olímpico eram alguém no mundo. ‘Metalúrgico e datilógrafa’ formavam um casal de classe.” (LISPECTOR, 1998, p. 45).

Embora ambíguo, o trecho: “formavam um casal de classe” pode ser interpretado como um casal que possui uma esmerada educação, mas também como um casal que ocupa de fato determinada posição social por conta de deter certo capital monetário. É importante perceber que as atribuições de “datilógrafa” e “metalúrgico” não são ingênuas. Elas reportam a uma economia monetária que perpassam a vida cidadina, em que “O espírito moderno tornou-se mais e mais um espírito contábil” (SIMMEL, 2005, p. 580). Assim, o habitante típico das grandes cidades costuma ser quantificado ou qualificado a partir de sua acumulação de bens materiais ou simbólicos, o que implica os efeitos destes nas relações sociais.

A condição de vida, a exclusão social experimentada pelo imigrante nordestino jogado na selva da cidade grande também é destaque na narrativa. Vemos o exemplo de Olímpico, o também nordestino e namorado de Macabéa, que se interessa por Glória logo que a vê e passa a cortejá-la; tendo suas investidas encontrado reciprocidade, o que faz com o que rompa o namoro com Macabéa. O motivo é o fato de ela ser carioca, “tornava-a pertencente ao ambicionado clã do sul do país” (LISPECTOR, 1998, p. 59), uma posição a qual Olímpico almejava, pois “seu destino era o de subir para um dia entrar no mundo dos outros” (LISPECTOR, 1998, p. 65). Além disso, Glória possuía ascendência portuguesa combinada com o sangue africano, o que lhe concedia o bamboleio do caminhar de uma mulata, apesar de ser branca e loira, embora oxigenada, “o que significava um degrau a mais para olímpico” (LISPECTOR, 1998, p. 59) que almejava ascender socialmente.

### **Aventura(s) na(s) cidade(s) em *A Hora da Estrela***

Limito-me a humildemente – mas sem fazer estardalhaço de minha humildade que já não seria humilde – Limito-me a contar as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela. (LISPECTOR, 1998, p. 15).

No que toca mais a obra, originalmente publicada em 1977, *A Hora de Estrela* narra a trajetória de Macabéa, imigrante do estado do Alagoas, que vem para a cidade do Rio de Janeiro com a tia em busca de melhores condições de vida. Por meio do narrador homem, *Rodrigo S.M.*, “porque escritora mulher pode lacrimejar piegas” (LISPECTOR, 1998, p. 14), Clarice Lispector irá “contar as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela.” (LISPECTOR, 1998, p. 15). Com esta enunciação da estrutura narrativa do livro, acreditamos aproximarmo-nos da tensão que perpassa a trama de *A Hora da Estrela*, ou seja, da dificuldade de representação que o narrador, um homem aparentemente de vida abastada, escrever sobre a vida do imigrante nordestino e suas desventuras na metrópole.

Antecedentes meus de escrever? Sou um homem que tem mais dinheiro do que os que passam fome, o que faz de mim algum modo um desonesto. E só minto na hora exata da mentira. Mas quando escrevo não minto. Que mais? Sim, não tenho classe social, marginalizado que sou. A classe alta me tem como um monstro esquisito, a média com desconfiança de que eu possa desequilibrá-la, a classe baixa nunca vem a mim. (LISPECTOR, 1998, p. 19)

Rodrigo S.M. não se vê como um par da classe mais baixa, mas também julga não ser bem aceito pelas mais altas. O que vemos aqui é o embate da representação desse “outro”, o que quase sempre implica o conflito com a cultura de quem narra ou conta a história. Sobre esse processo de alteridade, Monteiro nos diz:

Clarice Lispector vai por meio de seu narrador revelar o estranhamento vivido que este experimenta diante de uma nordestina imersa numa capital cheia de códigos desconhecidos para ela. Aqui, o embate entre a cultura citadina e a sertaneja se dá de forma mais contundente em comparação ao estranhamento vivido por um escritor que narra a história de um sertanejo a partir de sua própria cultura e estereótipos. (MONTEIRO, 2004, p. 10- 11)

Diferentemente disso, por exemplo, vemos que em outras produções literárias, como *A Paixão Segundo G.H.*<sup>38</sup>, a personagem principal, G.H, é uma escultura abastada que reside em seu apartamento à beira-mar. Ela possui uma vida material resolvida. O que é desenrolado nesse enredo diz respeito mais à autoquestionamentos e reflexões acerca de sua condição humana e de natureza existencial. Ainda sobre a estrutura narrativa de *A Hora da Estrela* (1998), vemos que não se trata de um romance comum, onde o narrador busca contar uma história sem muito interpelar; contudo, quando o faz, utiliza-se da personagem. As histórias de *Rodrigo S.M* e *Macabéa* e da própria escritora, interpenetram-se o tempo todo. Um exemplo da permutação entre narrador e personagem pode ser visto no excerto a seguir: “Vejo a nordestina se olhando ao espelho e – um rufar de tambor – no espelho aparece o meu rosto cansado e barbudo. Tanto nós nos introcamos”. (LISPECTOR, 1998, p. 22)

Janice Caiafa, ao pensar nas cidades contemporâneas, aponta-nos que estas surgem “atravessada(s) por circuitos de trajetórias” (CAIAFA, 2005, p. 3). A realidade urbana não é um dado *a priori*, mas uma construção. Ela é um momento, um ponto de confluência de trajetórias que se encontram. A cidade é o lugar onde se olha e se é visto e que se faz ao caminhar. Lugar da diversidade, constituído por encontros e situações imprevisíveis.

Acompanhar os percursos de *Macabéa* pela cidade pode ser pensado como sugere Michel de Certeau: “Certamente, os processos do caminhar podem reportar-se em mapas urbanos de maneira a transcrever-lhes os traços (aqui densos, ali mais leves) e as trajetórias (passando por aqui e não por lá)” (CERTEAU, 1994, p. 176). Desse modo, o ir e vir no espaço urbano revelam as práticas do espaço. Sobre os usos dos espaços, das localizações de trabalho e lazer, podemos ver:

Rua do Acre para morar, rua do Lavradio para trabalhar, cais do porto para ir espiar no domingo, um ou outro prolongado apito de navio cargueiro que não se sabe por que dava aperto no coração, um ou outro delicioso embora um pouco doloroso cantar de galo. (...) Vez por outra ia para a Zona Sul e ficava olhando as vitrines faiscantes de óias e roupas acetinadas. (LISPECTOR, 1998, p.31; p. 35).

<sup>38</sup>*A Paixão Segundo G.H.*, é um romance publicado originalmente em 1964, reeditado pela editora Rocco em 2009, de autoria de Clarice Lispector. A personagem principal, *G.H.*, demonstra uma condição de vida material solucionada: “O apartamento me reflete. É no último andar, o que é considerado uma elegância. Pessoas de meu ambiente procuram morar na chamada “cobertura”. É bem mais que uma elegância. É um verdadeiro prazer: de lá domina-se uma cidade.” (LISPECTOR, 2009, p. 29). A narrativa descamba para o nível de reflexão existencial da condição humana: “ontem de manhã – quando saí da sala para o quarto da empregada – nada me fazia supor que eu estava a um passo da descoberta de um império. A um passo de mim. Minha luta primária pela vida mais primária ia-se abrir com tranquila ferocidade devoradora dos animais do deserto. Eu ia me defrontar em mim com um grau de vida tão primeiro que estava próximo do inanimado.” (LISPECTOR, 2009, p. 22).

O local de moradia de *Macabéa*, recém-chegada com a tia de Alagoas era localizado numa zona periférica da cidade:

(...) tinham vindo para o Rio, o inacreditável Rio de Janeiro, a tia lhe arranjara um emprego, finalmente morrera ela, agora sozinha, morava numa vaga de quarto compartilhado com mais quatro moças balconistas das Lojas Americanas. O quarto ficava num velho sobrado colonial da áspera rua do Acre entre as prostitutas que serviam aos marinheiros, depósitos de carvão e de cimento em pó, não longe do cais do porto. O cais do porto imundo dava-lhe saudade do futuro. (LISPECTOR, 1998, p. 30)

Os gordos ratos da rua passavam pelas calçadas. Era um local de verões quentes, onde o que ela podia sentir era o cheiro de suor, suor que cheirava mal. “No escuro da noite um homem assobiando e passos pesados, o uivo do vira-lata abandonado” (LISPECTOR, 1998, p. 31), era o que se podia perceber da rua no período noturno. Desse modo, passavam os dias. O que dava uma um sentido fresco à vida murcha de *Macabéa*, era o cantar do galo na aurora.

- É muita coisa que eu não entendo bem. O que quer dizer “renda per capita”?
- Ora, é fácil, é coisa de médico.
- O que quer dizer rua do Conde de Bonfim? O que é conde? É príncipe?
- Conde é conde, ora essa. (...) (LISPECTOR, 1998, p. 50)

Nesse trecho, vemos dificuldade de interpretação e compreensão dos códigos urbanos na metrópole por *Macabéa e Olímpico*, também nordestino (só que da Paraíba) advinda de ambos terem experimentado outros processos de socialização. “Eles não sabiam como se passeia” numa cidade. (LISPECTOR, 1998, p. 43). Em outros fragmentos ficcionais, vemos a organização dos espaços nas cidades, vistas através dos trajetos de *Macabéa* pela cidade; só que desta vez de dentro de um ônibus:

(...) registrou um portão enferrujado, retorcido, rangente e descascado que abria o caminho para uma série de casinhas iguais a de vila. Vira isso do ônibus. A vila além do número 106 tinha uma plaqueta onde estava escrito o nome das casas. Chamava-se “Nascer do Sol”. (LISPECTOR, 1998, p. 52)

Em outros, visualizamos as experiências de nossa heroína nos lugares da cidade do Rio de Janeiro a partir dos encontros com o namorado, *Olímpico de Jesus*:

E uma vez os dois foram ao Jardim Zoológico, ela pagando a própria entrada. Teve muito espanto ao ver os bichos. Tinha medo e não os entendia: por que viviam? Mas quando viu a massa compacta, grossa, preta e roliça do rinoceronte que se movia em câmera lenta, teve tanto medo que se mijou toda. O rinoceronte lhe pareceu um erro de Deus, que me perdoe por favor, sim? Mas não pensara em Deus nenhum, era apenas um modo de. Com a graça de alguma divindade *Olímpiconada* percebeu e ela disse: Estou molhada porque me sentei no banco molhado. (LISPECTOR, 1998, p. 55)

Mas a saga de *Macabéana* cidade grande tem um destino trágico: a moça é atropelada por automóvel ao sair da casa da cartomante que acabara de lhe proferir palavras de boas esperanças:

Saiu da casa da cartomante aos tropeços e parou no beco escurecido pelo crepúsculo – crepúsculo que é hora de ninguém. Macabéa ficou um pouco aturdida sem saber se atravessaria a rua pois sua vida já estava mudada. E mudada por palavras (...) Então ao dar o passo de decida da calçada para atravessar a rua, o Destino ( explosão) sussurrou veloz e guloso: é agora, é já, chegou a minha vez! E enorme como um transatlântico o Mercedes amarelo pegou- a (...) (LISPECTOR, 1998, p. 81)

Era o fim da nordestina na “cidade inconquistável” do Rio de Janeiro. Assim, ela passou a ser notada. A economia monetária ainda, pelo o menos aqui, não roubou do homem a sensibilidade diante daquilo que lhe é inevitável: a morte. Talvez essa seja a grande “Hora da Estrela”, no caso *Macabéa*: o momento o qual se despede de sua existência material. Nesse momento, a cidade também acontece:

Algumas pessoas brotaram no beco não se sabe de onde e haviam se agrupado em torno de Macabéa sem nada fazer assim como antes pessoas nada haviam feito por ela, só que agora pelo menos a espivavam, o que lhe dava uma existência. (LISPECTOR, 1998, p. 81)

### **Algumas considerações**

O universo ficcional criado por Clarice Lispector em *A Hora da Estrela* favorece o acesso às experiências urbanas a partir do próprio espaço que é esboçado na narrativa: o espaço social urbano, a cidade grande do Rio de Janeiro. O cenário citadino que é traçado delineia ruas, o quarto barato que as moças partilham entre si, a casa da cartomante, o lugar de trabalho, o banheiro, o botequim, cinemas baratos, Jardim zoológico, becos, esquinas, ponto de ônibus, automóveis de luxo Mercedes Benz, os passeios pela cidade e por suas paisagens.

Etnograficamente, é possível revelar os desenhos do espaço assim como as relações humanas que o perpassam. Acompanhar *Macabéa* foi seguir as perambulações de uma migrante

numa cidade a qual os códigos ela não compartilha plenamente. No entanto, apesar da cena agressiva da cidade que tenta impedir seus trajetos, ela não deixa de “caminhar”. É uma moça que não se pergunta: “quem eu sou?”, pois isso provoca necessidade, incompletude; “essa moça não se conhece senão através de ir vivendo à toa.” (LISPECTOR, 1998, p. 15). Se há uma determinada ordem espacial que organiza um conjunto de possibilidades, o caminhante as atualiza, elaborando outras formas de se orientar no espaço. No texto, quando *Glória* sugere que *Macabéa* consulte a cartomante, vemos que:

Assim pela primeira vez na vida tomou um táxi e foi para Olaria. (...) Não foi difícil achar o endereço da madama Carlota e essa facilidade lhe pareceu um bom sinal. O apartamento térreo ficava na esquina de um beco e entre as pedras do chão crescia capim – ela o notou porque sempre notava o que era pequeno e insignificante. Pensou vagamente enquanto tocava a campainha da porta: capim é tão fácil e simples. (LISPECTOR, 1998, p. 71).

Se “os passos” elaboram outras possibilidades de localização e práticas do espaço, consideramos que a realidade urbana não é uma extensão da natureza e nem produto da ação divina. Pelo contrário, é fruto da atividade humana, de contingências sociais e históricas. O que nos possibilita questionar seus ordenamentos a partir do pressuposto que sua realidade e mentalidades são mutáveis e reversíveis. Acompanhando os trajetos literários olhamos para a cidade de modo mais qualitativo, privilegiando suas paisagens, as sensações, as trajetórias e as experiências que ela impulsiona, acompanhando percursos reais ou ficcionais de caminhadas daqueles que fazem delas uma invenção constante: os indivíduos.

### Referências:

BORGES, Jorge Luis. Os Espelhos Velados. In: **O Fazedor**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.

CAIAFA, Janice. **Produção Comunicativa e Experiência Urbana**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1589-1.pdf>>. Acesso em: 10 de nov 2013.

\_\_\_\_\_. **Aventura das cidades: ensaios e etnografias**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

CERTEAU, Michel de. Caminhadas pela cidade. In: **A Invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 169 – 191.

KOFES, Suely. “Os papéis de Aspern”: Anotações para um debate. In: **Histórias de vida: biografias e trajetórias/ Suely Kofes (org.)** – Campinas, SP: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2004, p. 5 -16. (Cadernos do IFCH; 31)

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

\_\_\_\_\_. **A Paixão Segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

MACÊDO, Érika Sabino de. **Um olhar sobre a paisagem urbana: o graffiti de Fredone Fone em diálogo com as concepções estéticas de Marx**. In: 4º Congresso Nacional de Letras, Artes e Cultura/1º Congresso Internacional de Letras Artes e Cultura. Anais de Congresso. São João Del Rei - MG: UFSJ, 2013. P. 1608 -1614.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **A etnografia é um método, não uma mera ferramenta de pesquisa... que se pode usar de qualquer maneira**. Disponível em: <<[http://www.rcs.ufc.br/edicoes/v43n2/rcs\\_v43n2a12.pdf](http://www.rcs.ufc.br/edicoes/v43n2/rcs_v43n2a12.pdf)>>. Acesso em 29 jun de 2013.

MONTEIRO, Francisco Herbert Pimentel. **Processos de Subjetivações em Clarice Lispector**. 2004. 50f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais), Departamento de Ciências Sociais, Universidade do Ceará, Fortaleza, 2004.

MOSER, Benjamin. **Clarice, uma biografia**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Pedra e o sonho: os caminhos do imaginário urbano. In: **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano** – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2.ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002, p. 7 – 28.

ROCHA, Gilmar. **A etnografia como categoria de pensamento na antropologia moderna**. Disponível em:<<<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50100>>> Acesso em 6 dez de 2013.

SIMMEL, Georg. **As grandes cidades e a vida do espírito**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v11n2/27459.pdf>> Acesso em 03 nov 2013.

SILVA, Cristina Maria da. **Rastros das socialidades: Conversações com João Gilberto Noll e Luiz Ruffato**. (Doutorado em Ciências Sociais) Programa de Pós – Graduação em Ciências Sociais. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009, 308.